



# Boletim Direito à Memória e Justiça Racial

## DESAPARECIMENTOS FORÇADOS NA BAIXADA

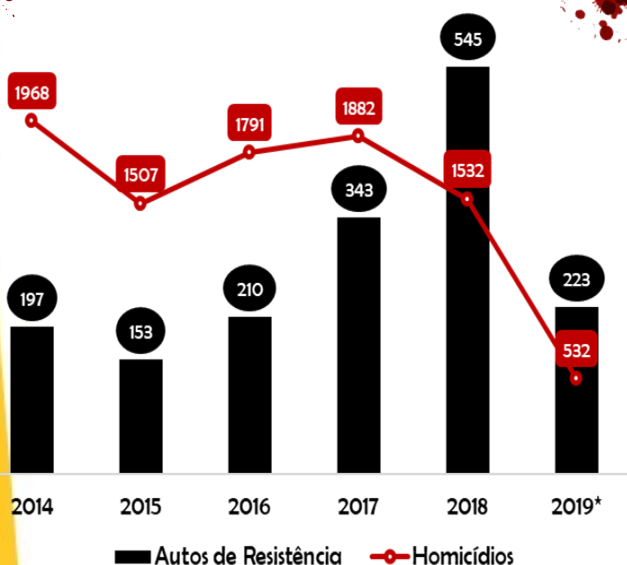
Na busca do fortalecimento e construção de contranarrativas periféricas no debate de segurança pública, o DMJR, busca outras formas de metodologia e construção de dados para evidenciar os danos da necropolítica<sup>1</sup> realizada pelo Estado na periferia. Haja vista, que a maior parcela das violações cometidas pelo Estado não chegam a ser registradas. Além da problemática das subnotificações, as metodologias<sup>2</sup> utilizadas pelos órgãos oficiais não são disponibilizadas para livre acesso e os procedimentos metodológicos são alterados de acordo com os interesses do governo estadual para esconder a ineficiência<sup>3</sup> da política de segurança pública. A tendência de quedas dos casos de homicídios na Baixada Fluminense é acompanhada ao mesmo tempo pelo profundo aumento dos casos de autos de resistência na região. Apenas em 2019 foram registrados 223 execuções por intervenção de agente público, ultrapassando o número total de casos de autos de resistência nos anos de 2014 à 2016! Dos 5 Batalhões de Polícia Militar que mais matam em todo o estado, 4 Batalhões são localizados na Baixada: Duque de Caixas, Belford Roxo, Queimados e Mesquita.



**“E OLHA QUE ESSE NÚMERO DE JOVENS MORTOS AINDA É MAIOR, POIS TEMOS AQUI NA BAIXADA, MUITO DESAPARECIMENTOS FORÇADOS REALIZADOS PELA POLÍCIA E MILÍCIA.” (Depoimento de Mãe de vítimas da violência de Estado)**

Os efeitos da radicalização do discurso genocida e altamente militarizado do governo atual traz à tona a necessidade de discutir o modelo retrógrado de segurança pública brasileiro que têm como alvo a juventude negra periférica, em que a “guerra às drogas” resulta em encarceramento em massa e legitimação do extermínio dos corpos negros que podem ser executáveis a qualquer momento. De 2010 à 2018, 3.725 pessoas foram executadas por intervenção de agentes do Estado na Baixada, esses dados ratificam o racismo estrutural e institucional no processo de extermínio do povo preto, pobre e periférico. Apenas nos 5 meses de 2019, 531 pessoas desapareceram, um aumento de 6,2% em relação ao mesmo período de 2018. Entretanto, os dados oficiais não representam a realidade brutal da Baixada, considerando a recorrente problemática da subnotificação nos casos de homicídios e desaparecimentos. Aproximadamente 60% do total de pessoas desaparecidas no estado ocorrem na Baixada Fluminense. A metodologia dos dados oficiais não engloba os casos de desaparecimentos forçados dificultando ainda mais a possibilidade de quantificar o real número de pessoas vítimas da violência urbana que são executadas pelo Estado.

### HOMICÍDIOS X AUTOS DE RESISTÊNCIA



Fonte: ISP

Contato  
dmj.racial@gmail.com



O DMJR objetiva colocar a superação das violências de Estado e racismo institucional e estrutural como centro do debate sobre segurança pública na Baixada Fluminense, entendendo que o direito à vida precisa ser preservado sob qualquer hipótese.

**“A única luta que se perde é aquela que se abandona.” (Carlos Marighella)**

<sup>1</sup>Quando o Estado escolhe quem vai viver e quem pode ter seu corpo executável a qualquer momento.

<sup>2</sup>O DMJR solicitou explicações para o ISP sobre a construção dos procedimentos metodológicos via Lei de Acesso à Informação (LAI) e não recebeu respostas.

<sup>3</sup>A atual gestão do governo legitima e incentiva o aumento dos casos de assassinatos cometidos por agentes públicos resultando em maior violência do Estado contra a população.



# Boletim Direito à Memória e Justiça Racial

## DESAPARECIMENTOS FORÇADOS NA BAIXADA

O desaparecimento forçado trata-se da privação de liberdade. São pessoas capturadas, presas, sequestradas, detidas ou retiradas de seus territórios contra sua própria vontade, seja pelo Estado ou por qualquer organização política, com ou sem apoio do governo. Sendo levadas para áreas desconhecidas, torturadas, mutilados e executados sem que haja vestígios ou rastros do corpos ou qualquer evidencia da autoria do crime. Os corpos são descartados em cemitérios clandestinos ou rios para impedir a identificação das vítimas.

**“Não tem corpo, não tem crime!”**

O perfil das vítimas, em geral, é o de jovens, pretos e pardos, com baixa escolaridade, do sexo masculino e moradores de favelas e periferias. O histórico de violência urbana na Baixada Fluminense é marcado pelo cotidiano desaparecimento de corpos, mortes que são ignoradas pelas estatísticas oficiais. As Mães de vítimas da violência do Estado recebem informações diárias de jovens que sofreram esse tipo de violação. Na maioria dos casos, os desaparecimentos forçados ocorrem com o envolvimento da própria PM e da milícia que atuam nos territórios. Atualmente, as áreas com maior número de denúncias e depoimentos de desaparecimentos forçados são as áreas de controle de milícias que de forma arbitrária e violenta encarceram, assassinam e desaparecem com os corpos dessas pessoas.

**“ATÉ EU MORRER, SEREI A VOZ DE MEU FILHO.”**

(Depoimento de Mãe de vítimas da violência de Estado)

**\*Relatos de Desaparecimento Forçados\***

**15 JOVENS MORADORES DE QUEIMADOS FORAM LEVADOS PARA UMA “AVERIGUAÇÃO” POR MILICIANOS. FORAM TORTURADOS E ASSASSINADOS POR HOMENS ENCAPUZADOS COM ARMAS E ESPADAS. SEUS CORPOS FORAM MUTILADOS E ESPALHADOS POR ADRIANÓPOLIS E AUSTIN. ATÉ HOJE A MOTIVAÇÃO E AUTORIA DESSA CHACINA SÃO DESCONHECIDAS.**

**JOVEM MORADOR DE MIGUEL COUTO FOI EXECUTADO PELA MILÍCIA QUE ATUA NA ÁREA DE ADRIANÓPOLIS APÓS SAIR DE UMA FESTA. FAMILIARES ENCONTRARAM SEU CORPO APÓS UMA LIGAÇÃO ANÔNIMA INFORMANDO QUE O JOVEM FOI ASSASSINADO E TEVE O CORPO DESCARTADO EM UM TERRENO BALDIO.**

Contato  
dmj.racial@gmail.com



\*Alterações feitas nos relatos para garantir a proteção e o anonimato das vítimas de violência do Estado.

O DMJR objetiva colocar a superação das violências de Estado e racismo institucional e estrutural como centro do debate sobre segurança pública na Baixada Fluminense, entendendo que o direito à vida precisa ser preservado sob qualquer hipótese.

**“A única luta que se perde é aquela que se abandona.” (Carlo Marighella)**